

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



M. Rose

# Chamas da Verdade

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO



**Ficha Técnica:**

**Título Original:** Chamas da Verdade

**Autor:** M. Rose

Copyright © M. Rose

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Revisão/Edição:** Alexandra (Nova Geração)

**Design/Diagramação:** Alexandra (Nova Geração)

**Capa:** Ana e Rosalina Marques

**1º Edição:** Junho de 2023

**Acabamento/Impressão:** Foco – Serviços Editoriais, Lda

© 2023

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**ISBN:**



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO

*Para todos os que acreditam no amor verdadeiro  
e estão na busca da sua felicidade.*



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO







## *Cinco Anos Antes*

A aula de Matemática estava quase a terminar e, não consegui prestar atenção ao raio da aula. Tudo o que a *stora* disse, não me entrava na cabeça! Devia estar atento porque esta matéria é muito importante para o exame. Desde domingo, que a minha mente viaja para aquela noite. Estou entre a espada e a parede. Depois do que descobri, durante o Baile de Finalistas, e o que me estão a obrigar a fazer... Até fico indisposto só de pensar. Não consigo estar com ela, sem pensar no que o meu melhor amigo me disse. Eu amo-a, mas será que o amor é tudo?

O melhor a fazer é afastar-me. Não consigo viver com este segredo e, muito menos, fingir que está tudo bem. Não conseguirei estar com ela, não quando sei a verdade, e não terei hipótese de lhe contar. Caramba! Porquê ela? Por que me tinha de apaixonar por ela? Por que tem de ser tão difícil? Magoa pensar no que terei de fazer. Tenho de ter coragem! Estou a fazer para o bem dela. Se ela descobrir, nem quero pensar. O toque de saída é o sinal mais aguardado. E, também, o mais temível. Arrumei as minhas coisas, apressadamente. Ao sair da sala de aula, o meu melhor amigo de infância bloqueou-me a saída.

— O que se passa? — Disparou Duarte. — Reparei que estiveste a aula toda distraído. Sabes que estas aulas são *bué* importantes para o exame.

— O que se passa?! — Respondi-lhe furioso. — Ainda tens a lata de perguntar? Depois da bomba que largaste no sábado, achas que tenho cabeça para estar a pensar noutra coisa?

— Desculpa, Bê. Não devia ter-te contado daquela maneira.

— Não quero as tuas desculpas. — Sussurrei-lhe frustrado. — Já consideraram contar-lhe? A Alexandra merece saber a verdade.

— Eu sei, eu sei... Mas tenta dizer isso ao Sr. Artur. — Suspirou. — Sabes bem como ele é. — Assenti. — Já tentei chamá-lo à razão, mas ele foge sempre à conversa.

Artur é o pai de Duarte e meu padrinho. Os nossos pais são grandes amigos desde a infância e tornaram-se parceiros de negócios.

— Sabes bem que conheço o feitio do meu padrinho! — Tento-me afastar dele. — Caramba, tinha de ser logo ela?

Duarte acompanhou-me até ao refeitório para almoçarmos. Instalou-se um silêncio desconfortável, enquanto comíamos. Até que, Duarte dá um murro na mesa. Todos, que estavam naquele espaço, observam-nos curiosos. O ambiente estava de cortar à faca entre nós.

— Eu não tenho culpa, Bernardo! — Sussurrou-me. — Vamo-nos chatear por isto?

— Eu sei que não tens. — Suspirei. — Sabes o quanto me custa tudo isto?

— Eu também estou no meio disto! E, acredita que já tive vontade de lhe contar, mesmo contra a vontade do meu pai. Já discutimos tanto por causa disso. — Sorriu-me. — Ainda fiz mais pressão, após me contares que gostavas dela! Tenho batalhado por vocês, mas ele é um osso duro de roer. Não cede!

— Porra! — Respondi-lhe desapontado. — Mas tu contaste-lhe que...

— Contar o quê? — Questionou-me uma voz doce e suave, que tão bem conheço e amo.

Duarte engasgou-se ao perceber que Alexandra e a minha irmã mais nova, Serena, estavam ao nosso lado, prontas para se sentarem. Costumávamos almoçar todos juntos, era óbvio que elas apareceriam.

— Alô, princesa! — Tentei disfarçar e dei-lhe um beijo na face. — Estávamos a falar de um colega do *motocross* que só faz porcaria. Estávamos a discutir se devemos contar a alguém, a última cena que ele aprontou. Nada de mais! — Sorri-lhe e abracei-a para a beijar.

— Arranjem um quarto! — Troçou Serena.

— Que engraçadinha a minha maninha! — Brinquei, ainda abraçado à Alex. — Sabes Duarte, descobri que a minha irmãzinha tem um *crush*.

As feições de Serena ficaram rosadas e Alex bateu-me no braço para não contar. Não tinha intenções de o fazer, apenas gostava de irritar a minha irmã. Descobri que a Serena estava apaixonada pelo meu melhor amigo, num dia em que a Alex foi passar a noite lá em casa. Os meus pais faziam questão que passasse, essas noites, em casa de Duarte. Preparava-me para sair quando, ao aproximar-me da porta do quarto da minha irmã, ouvia-a revelar que estava apaixonada pelo

Duarte! Esperei um pouco, antes de bater à porta, para me despedir delas. Não queria que pensassem que tinha escutado a conversa.

— Nem te atrevas. — Advertiu-me Serena com cara de poucos amigos.

Ri-me e beijei a Alex, de novo.

— Anda lá, desembucha. — Gozou Duarte. — Agora fiquei curioso para saber quem será o pobre coitado!

Serena levantou-se chateada e foi-se embora. Alex acompanhou a amiga, mas conseguiu alcançar no meio do refeitório. Puxei-a para mim antes que ela desaparecesse, abraçando-a.

— Amo-te princesa. — Sussurrei-lhe ao ouvido. — Será que podemos estar juntos, esta tarde?

— Mas tu não tens aulas até ao fim da tarde? — Questionou-me, enquanto me olhou de esguelha.

— Tenho, mas não me apetece ir. — Encolhi os ombros. — Quero passar a tarde contigo. Não queres?

— Quero! — Respondeu-me, enquanto me dava um beijo rápido. — Encontramo-nos no portão um quarto de hora antes do toque de entrada?

Assenti e ela afastou-se. Voltei para a mesa, para junto do Duarte.

— Não podes acabar com ela! Ela está muito feliz contigo. — Afirmou Duarte seriamente. — Não posso permitir que a magoes por causa do meu pai. Vou falar com ele e tentar resolver as coisas. Vocês não têm de sofrer por algo que aconteceu há dezoito anos.

— Obrigado!

Foi a única palavra que consegui dizer-lhe. Continuámos a refeição em silêncio.

No horário combinado, encontro-me à espera de Alexandra e recebo uma mensagem:

*Amar não é ficarmos com a pessoa sempre.  
Às vezes, temos de a deixar ir, pois o destino irá  
encarregar-se de a trazer de volta, se assim tiver de ser.  
Vê lá o que fazes.*

Ao ler, fiquei sem chão. Arrumei o telemóvel e observei-a a sair do bar da escola, com a sua garrafa de água. Tentei esquecer tudo. Hoje era o dia de a fazer feliz, pelo menos, uma última vez.

Ao aproximar-se, reparei que estava ainda mais bonita que, há pouco, no refeitório. Havia colocado o perfume que eu adorava e retocado a maquiagem. Assobieei-lhe quando chegou.

— Não é só por seres minha namorada, mas estás linda! — Elogiei-a, maravilhado.

— Obrigada! Mas quer dizer que também dizes às outras? — Disse a brincar, fazendo o típico beicinho e colocando as suas mãos nas ancas. Parecia uma heroína das BD que eu costumava ler. Algo que ela fazia inconscientemente e que eu amava.

— Claro que não! Tu és única! Só tenho olhos para ti. — Ri-me e beijei-a.

Quando saímos da escola, coloquei o meu braço sobre o seu ombro. Reparei no Mercedes *SLK* preto que se encontrava estacionado à porta. Dentro dele estava alguém que conhecia perfeitamente. Observa-nos e abana a cabeça descontente. Lancei-lhe um olhar desafiador.

Mas quem ele pensa que é para mandar em mim? Nesse instante, recebi mais uma mensagem:

*Fica longe dela. Este assunto não te diz respeito.  
Já é difícil, o suficiente.  
Não quero o meu filho metido nisto!  
AFASTA-TE da Alexandra.*

Obviamente, que o remetente era o mesmo da mensagem anterior. Porque tenho de lhe obedecer? Sou feliz com ela. E, é com ela que quero ficar.

— Onde queres ir, princesa? — Questionei-a, desviando a atenção para ela. — Queres ir passear ou preferes ir lá para casa?

— Hum... Por mais tentador que seja ir para tua casa, preferia passear no parque. Pode ser?

— Claro! Tudo o que quiseres.

Beijei-a novamente, tentando perceber se ainda estávamos a ser observados. Dei-lhe o capacete extra da minha moto. E, pusemo-nos a caminho do parque da cidade. Aquelas mensagens tentavam destabilizar-me, mas não podia deixar. A Alexandra era o meu presente e o meu futuro, enquanto ela quisesse. Estacionei e ela desceu da moto. Aproveitei para olhar em redor, dando de caras com o Mercedes preto. Ele tinha-nos seguido!

Decidi ignorá-lo e dedicar-me à minha namorada, que era a minha prioridade. Entrámos no parque e dirigimo-nos para um banco à sombra da cerejeira do Japão. Recebi duas novas mensagens seguidas do mesmo remetente:

*É assim tão difícil a deixares?  
Não te quero ao pé dela.*

*Amar não é ficarmos com a pessoa sempre.  
Às vezes, temos de a deixar ir, pois o destino irá  
encarregar-se de a trazer de volta, se assim tiver de ser.*

Ignorei as mensagens e sentei-me ao lado dela. O meu telemóvel voltou a tremer, mas desta vez o remetente era diferente.

Era o Duarte:

*O meu pai está fulo!  
Já tentei falar com ele, mas está firme na decisão.  
Ele quer que termines com ela, senão é ele que trata  
de te afastar dela!  
Desculpa 😞*

*Não tens culpa.  
O teu pai não pode mandar.*

Ao guardar o telemóvel no bolso, ele volta a vibrar, porém, ignoro. — Estamos muito concorridos, hoje! — Disse Alexandra em tom de brincadeira. — Acho que vou ficar com ciúmes...

Agarrei-a rapidamente, abracei-a e beijei-lhe o pescoço, enquanto observava para ver se não havíamos sido seguidos. Lá estava ele — o meu padrinho — de óculos escuros e no seu fato de empresário, sentado num banco perto a vigiar-nos. Mas, porque é que ele está a fazer isto?

Consegui ler nos seus lábios “*TERMINA COM ELA*”. Por um instante, tive medo. Beijei-a intensamente como se fosse a despedida.

— O que se passa? — Questionou-me Alex ofegante, após afastar-me. — Tens andado tão estranho desde domingo. Não gostaste de passar a noite comigo?

— Hã? — Tentei disfarçar. — Por acaso não gostei. Amei! — Sorri-lhe e beijei-a de novo.

Após o baile de finalistas, Alex rumou a minha casa e passámos a noite juntos. Sabia que aquela revelação alteraria o rumo das nossas vidas. Permitti-me fazê-la feliz e amá-la, durante aquela noite. Foi o melhor que fiz.

— Então, diz-me o que se passa. Se achas que vou engolir aquilo que disseste ao almoço, estás muito enganado! — Persistiu. — Eu conheço-te muito bem, menino Bernardo. E, sei que me estás a esconder alguma coisa. — Afirmou, colocando as suas mãos nas ancas, de novo.

Não resisti e roubei-lhe um beijo.

— Princesa, não se passa nada. — Respondi-lhe seriamente enquanto lhe pegava nas mãos.

— Passasse alguma coisa, que eu sei! — Afirmou firmemente. — Terei de ligar ao Duarte para que ele me conte, ou vais ser tu a desembuchar?

Ela é muito teimosa e quando embirra em algo, é difícil demovê-la.

Raramente se engana e eu sabia que não iria conseguir convencê-la do contrário. Olhei para o meu padrinho, disfarçadamente. Observava-nos com uma cara muito séria, os seus lábios estavam cerrados e o seu queixo erguido.

Consegui ler nos seus lábios “*DEIXA-A*”.

— Prometes-me que não te chateias comigo? — Questionei-a com receio.

— Depende do que tenhas para me contar. — Respondeu-me. Largou as minhas mãos e cruzou os braços. — Fala Bernardo! — Ordenou rudemente.

— Primeiro, não fiques assim princesa! — Declarei calmamente. — Segundo, tudo o que estou a fazer não é porque eu quero, mas porque sou obrigado. — Olhou-me de soslaio enquanto proferi estas palavras. — Por último, não te esqueças que te amo.

— Não me faças de burra! Estás a tentar dizer o que penso que estás? — Perguntou-me furiosa.

— Em que estás a pensar? — Questionei-a, sabendo a resposta. Engoli a seco.

— Estás a tentar acabar comigo! — Afirmou com os olhos lacrimejantes.

Desviou o olhar e suspirei.

— Princesa, é para o teu bem. Acredita em mim. — Coloquei a mão no seu rosto. Tentei fazê-la olhar para mim, mas sem sucesso. — Eu amo-te!

— Se me amasses, não estavas a fazer isto! — Comprovou irritada e levantou-se.

Agarrei-lhe no braço inconscientemente. Ela reagiu e deu-me um estalo.

— Au! — Larguei o seu braço para esfregar a zona do rosto agredida.

— Sabes que mais? — Questionou-me retoricamente, enquanto abria a garrafa de água. Despejou-a em cima de mim. Os seus olhos mostravam que estava furiosa comigo. — Não me voltes a dirigir a palavra. Não sei que mal te fiz, mas eu não merecia. O que achas que eu sou para ti?

Observo, de soslaio, o meu padrinho a levantar-se e a ir embora. Já tinha conseguido o que queria. Por conhecer a Alexandra, sabia que ela não retrocederia na sua decisão.

— És tudo para mim! Eu amo-te e ...

— E nada! — Interrompeu-me. — Se eu fosse isso tudo, não terias feito isto. Sabes que mais? Acabou.

— Princesa, ouve-me. — Chamei-a. Tentei alcançá-la, mas ela afastou-se. — Amor...

Ela começou a correr e eu fiquei sem saber o que fazer.

— ALEXANDRA! — Gritei.

Fiquei parado, as minhas pernas não se queriam mover. Ela virou-se e olhou para mim. Limpou as suas lágrimas, orgulhosa e fugiu dali.

Estava tudo perdido! Perdi a pessoa que amo. Só tenho uma palavra para definir o que acabei de fazer — COVARDIA. Fui um covarde por não o enfrentar e lutar por ela.

Será que conseguirei que ela volte a olhar para mim e me perdoe?

Perdi a noção do tempo. O telemóvel começou a vibrar. Não queria falar com ninguém, neste momento. Tirei-o do bolso, na esperança que fosse ela. O nome que surgiu no ecrã deu-me repulsa e acabei por ignorar. Desliguei-o para não me incomodarem. Uns minutos depois, ouvi a sua voz autoritária, mesmo ao meu lado.

— Com que então, foste um homenzinho e fizeste o que te pedi. — Constatou.

Revirei os olhos. Sentámo-nos no banco.

— Claro! Não tive escolha. — Revoltei-me. — Obrigado por me estragares a vida.

— Que dramático estás, afilhado! — Afirmou-me calmamente. — Eu fiz isto para o bem de todos. Sei que seria difícil para ti maneres este segredo. Acredita que foi, também, para o teu bem. Para o vosso bem.

— Para o meu bem? Para nosso bem? — Questionei-o incrédulo.

— Sim! — Respondeu-me enquanto me batia nas costas. — Quando chegar a um consenso com a Maria Ana, serás o primeiro a saber. — Suspirou. — Sabes bem que a Alexandra não é burra. E, acredita em mim, não pretendrás estar ao lado dela quando descobrir a verdade. Ambos sabemos que ficará ainda mais chateada contigo, do que está agora.

— Então, porque estão a demorar tanto, para lhe contarem?

— Se a conheces bem, sabes a resposta. — Respondeu-me sabiamente.

— Se sei, a Alexandra é uma força da natureza!

Levantei-me e deixei-o. Não queria falar com ele, nem com ninguém. Ele havia estragado tudo o que tinha com a Alexandra. Não lhe perdoou pelo que me fez.

Queria pensar no que iria fazer a seguir, para remediar o erro. Fui buscar a mota e conduzi, sem destino, até parar no sítio favorito dela. Aproximei-me do rio. Vi-a sentada, com os braços apoiados nos joelhos e a soluçar. Tudo por culpa minha! Odiei-me por a ter magoado.

Ela era importante para mim e não queria que sofresse. Dei um passo em frente, determinado a consolá-la e a pedir perdão. Porém, agarram-me o braço.

Respirei fundo e preparei-me para desferir um murro, em quem me estava a prender, mas deparei-me com um rosto muito familiar.

— Não faças isso, por favor, filho. — Pediu-me calmamente. — Já sei o que se passou, mas acredita que até para o Artur foi difícil fazer isto.

Concordei e caminhei com ele para longe. Não a queria perturbar mais, já bastava o mal que lhe fiz. Encaminhámo-nos para perto da minha mota.

— Pai, porquê?



Não consegui conter-me e desabei. O meu pai abraçou-me para me acalmar.

— Há muita coisa que está em jogo. E, acredita, ela tem de estar preparada para entender tudo o que se passou há dezoito anos. Ela é muito nova!

— Mesmo que isto faça com que ela me odeie? — Sussurrei-lhe.

— É uma possibilidade. Esperemos que, um dia, ela compreenda que tudo o que fizeste foi para o vosso bem. É demasiado para ti. Se para nós, que vivemos toda a situação, é difícil...

— Eu sei, pai. Um dia quero saber a história toda.

— A seu tempo saberás. Por agora, basta saberes o que te contámos.

— Deu-me um aperto no ombro. — Vemo-nos em casa?

Anuí.

— Não faças nenhum disparate.

Limpei as lágrimas e olhei em redor, enquanto colocava o capacete. O meu olhar recaiu sobre a Alexandra escondida, a tentar escutar a nossa conversa. Não sei se o meu pai se apercebeu, mas não podia dificultar mais as coisas. Coloquei a mota a trabalhar e fui-me embora.



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO





## Capítulo 1

Alexandra

Podia-me habituar a esta vida! Fiz o último exame da universidade na semana passada e estou à espera de que o docente da cadeira lance as notas, para finalmente terminar esta etapa da minha vida. Foram cinco anos difíceis. Cinco anos desde que o Bernardo terminou comigo e desapareceu do mapa. Deixou de ir às aulas depois daquele trágico dia e a Serena contou-me, uma semana depois, que ele solicitou transferência para um colégio privado. Contudo, naquela altura, não fazia o menor sentido, o ano letivo estava a um mês de terminar. Continuo até hoje sem perceber o que se passou naquela tarde.

Dou voltas ao pensamento e repito várias vezes aquele dia na minha cabeça. E as palavras: *“Tudo o que estou a fazer não é porque eu quero, mas porque sou obrigado.”*, continuam a remoer-me. Após este tempo todo não consigo compreender o que o possa ter obrigado a terminar comigo. Foi tudo tão confuso!

Quando fugi do jardim, só consegui ir até ao rio, sentar-me ao lado do moinho em ruínas. Estava envolvida naquele local, absorvendo o que transmitia e a tentar entender o que acabara de acontecer. Do nada, escuto o motor de uma mota que tão bem conhecia — era Bernardo. Involuntariamente, as lágrimas começaram a cair-me sobre o rosto e comecei a soluçar. Consegui perceber que ele estava parado no caminho de acesso àquele local. Ouvi passos sobre o folhado e pensei que ele vinha na minha direção, mas enganei-me. Ouvi vozes que se começaram a afastar e, nessa altura, entendi que o Bernardo, não estava sozinho.

Ganhei coragem para me levantar e os seguir, tentando passar despercebida. Detiveram-se ao lado da sua mota. Escondi-me atrás das árvores para não darem pela minha presença. O pai de Bernardo, o Sr. Miguel, reparou em mim ao abraçar o filho. Era notório que estava a sofrer e consegui, ouvir o que lhe dizia: *“Há muita coisa que está em jogo. E, acredita, ela tem de estar preparada para entender tudo o*

que se passou há dezoito anos. Ela é muito nova!” Estas palavras não me saem da cabeça, desde esse dia. O que será que aconteceu há vinte e três anos? Terminaram a conversa e o Sr. Miguel dirigiu-se para o seu automóvel. Bernardo encarou-me, ignorou-me e foi-se embora. Esta sua atitude fez-me odiá-lo, mas, ao mesmo tempo, não consigo esquecer a sua expressão carregada estampada no seu rosto, idêntica à minha. Os seus olhos estavam vermelhos e com uma expressão triste. Não era a única a sofrer por esta separação. Passaram-se cinco anos, continua tudo bem presente na minha memória e no meu coração.

Estava perdida de novo, nos meus pensamentos. Deitada numa espreguiçadeira a apanhar sol. Quando o meu irmão do meio, o Rodrigo, lembra-se de entrar na piscina mesmo ao meu lado, molhando-me de propósito.

— Terra chama Alexandra! — Disse assim que veio à superfície.

— O que queres? — Uma fúria cresceu dentro de mim. Odiava quando ele fazia aquilo.

— Estavas outra vez no mundo da lua. — Encolheu os ombros. — A Minorca estava a tentar falar contigo.

“*Minorca*” era o apelido carinhoso que dávamos à nossa irmã mais nova, a Carolina, de quinze anos.

— E era preciso fazeres isto? — Dirigi-me a ele.

— Claro! Sabes que eu não consigo desperdiçar uma oportunidade de te chatear. — Piscou-me o olho e abriu os lábios num sorriso rasgado.

Revirei os olhos.

— Alex, podias dar-me boleia hoje, até ao centro comercial? — Pediu-me Carolina, fazendo o típico beicinho, deitada na espreguiçadeira do meu lado direito.

Rodrigo mergulhou novamente na piscina.

— Não pode ser o Rodrigo?

— Mana, sabes bem como ele é. Vou jantar e ao cinema com os meus amigos. E o que ele fez da última vez... — Desviou o olhar para as mãos.

Da última vez que Rodrigo deu boleia à Carolina, acompanhou-a até aos seus amigos e envergonhou-a armando-se em irmão mais velho. Desde esse dia, pedia-me sempre a mim para lhe dar boleia. Sabia que a deixava à porta e que não teria nenhum constrangimento.

Rodrigo saiu da piscina e sentou-se na espreguiçadeira do lado.

— Mas se queres, Minorca, eu levo-te antes de ir jantar com a Joana.

Joana era a nova namorada de Rodrigo. Conhecia-o perfeitamente e sabia que ele fartar-se-ia rapidamente. Praticamente, quase todos os meses tinha uma nova.

Carolina olhou para ele, arregalando os olhos, antes de desviar o olhar para mim.

— Deixa estar, mano. — Suspirei. — Eu levo-a. Vou falar com a Serena para ver se quer sair. Desde que chegou de Erasmus ainda não a vi. — Sorri-lhes e peguei no telemóvel para mandar-lhe mensagem:

*Olá, desaparecida. 😊 Desde que chegaste de Milão ainda não me fizeste uma visita! Sei que andas muito ocupada a matar saudades do teu namorado. Talvez queiras sair com a tua bestie<sup>1</sup> que está a morrer de saudades tuas. 🐾*

*Ciao Bella signora<sup>2</sup>!*

*OMG<sup>3</sup> amiga. Estava mesmo para te mandar mensagem.*

*DESCULPA! 😞 Tem sido uma semana complicada. Quase nem tenho tido tempo para respirar.*

*Mas claro que quero sair contigo. Quero pôr a conversa em dia. 😊*

*Que me dizes uma saída só as duas? Jantar e depois vamos a um bar? Sem rapazes. 😊 Como nos velhos tempos.*

*Claro. 😊 No restaurante do costume, às 19h30?*

*Let's go. Girls Night!!!<sup>4</sup>*

<sup>1</sup> Melhor Amiga.

<sup>2</sup> Olá, bela, dama!

<sup>3</sup> Ó meu Deus!

<sup>4</sup> Vamos. Noite de Raparigas!!!

Pousei o telemóvel na mesa de apoio e fui dar um mergulho. A água estava espetacular. Tinha de aproveitar ao máximo, para estar com os meus irmãos. Estávamos na piscina, quando o meu telemóvel emite um barulho — era o sinal do *e-mail*.

Saí da água, apesar do protesto deles. Fui espreitar o correio eletrónico que recebi. O remetente era o docente da cadeira, que me faltava saber a nota, com o assunto “*Pauta do Exame*”. A tremer, abri o *e-mail*. Só prestei atenção quando conferi a minha nota, quinze ponto cinquenta e cinco valores, terminando-a com dezasseis valores. Respirei fundo. Terminei a Licenciatura! Emocionei-me. Os meus irmãos olharam-me preocupados. Ao mesmo tempo, os nossos pais e Rex, um labrador castanho chocolate, entram no jardim.

— O que se passa? — Interrogou-me a minha mãe preocupada.

— Nada! — Respondi-lhe enquanto limpava as lágrimas. — Acabou de sair a pauta do exame.

— E, então? — Questionaram-me em uníssono.

Abri o maior sorriso que conseguia.

— Terminei a cadeira com dezasseis, acabei...

Correram todos ao meu encontro, gritando e abraçando-me. O Rex andava à nossa volta, a abanar a cauda. Não podia pedir melhor família.

— Temos de comemorar! Hoje, vamos jantar fora. Só os cinco. — O nosso pai declarou sorrindo.

Entreolhámo-nos, pois, todos já tínhamos planos.

— Pai, não pode ficar para amanhã? É que combinei jantar com a Serena. A Carol já tinha planos com os amigos também...

— Está bem. — Interrompeu-me e notei um pouco de tristeza na sua voz. — Então, amanhã vamos passar o dia todo em família. Pode ser?

Os três anuímos e ele sorriu. O Rex estava feliz e correu na minha direção, deitou-me ao chão e deu-me uma lambidela na face. Rimo-nos porque aquele ser que adotamos há cinco anos, fazia parte da família e não podíamos ter pedido melhor animal de estimação. Rex apareceu nas nossas vidas por um acaso. Uns dias antes de tudo acontecer, fui seguida por ele até casa. Estava desnutrido e parecia desorientado.

A mãe chegou a casa e viu o estado do cão, o que a fez levá-lo ao hospital veterinário para o ajudarmos. Enquanto o examinavam, descobrimos que era um macho e chamava-se Rex. Tinha cerca de seis meses e havia fugido do canil municipal. Pedi à minha mãe para o adotarmos.

Após um telefonema com o meu pai, concordaram. Falámos com o médico veterinário para sabermos se havia alguma possibilidade de o adotarmos. Nesse mesmo dia, tratámos do processo e fomos buscá-lo uns dias depois após a sua alta.

Os nossos pais ficaram connosco o resto da tarde na piscina, aproveitando aquela tarde magnífica de verão, com o céu limpo e muito calor. Relaxavam nas espreguiçadeiras, enquanto brincávamos na piscina. O Rex estava deitado ao lado da nossa mãe, quando começou a latir incessantemente.

Tínhamos visitas! Como o cão não saiu de onde estava, assumimos que era alguém que frequentava a casa.

O meu pai fechou o jornal e levantou-se para ver de quem se tratava.

— Alex, tens uma visita. — Informou-me com uma voz muito séria e afirmativa ao regressar.

Sabia logo de quem se tratava. Marc apareceu logo atrás do meu pai. Saí da piscina, apanhando uma toalha para me enxugar.

— Olá! — Cumprimentei-o e dei-lhe um beijo rápido. — Que fazes aqui? Tínhamos combinado alguma coisa?

— Olá, princesa! — Cumprimentou-me abrindo ligeiramente os lábios. Automaticamente revirei os olhos.

Odiava que me chamasse assim. Aquele nome apenas pertencia a uma pessoa. Só o Bernardo podia-me chamar assim e ele já não pertencia à minha vida.

— Já vi que as notas do exame saíram e que tiveste boa nota. — Constatou Marc, colocou as mãos na minha cintura e beijou-me. — Isso quer dizer que terminaste o curso. Parabéns!

— Obrigada! — Agradei e sorri-lhe, para, em seguida, afastar-me um pouco.

— Temos de celebrar. Vinha-te convidar para jantarmos hoje...

Rodrigo saiu da piscina e dirigia-se para a porta da cozinha. Deteve-se ao nosso lado e bateu no ombro de Marc.

— Desculpa, mas hoje não dá. — Afirmou Rodrigo.

Rodrigo interrompe as palavras de Marc, abriu um sorriso de orelha a orelha na minha direção. Sabíamos que ele tentaria de tudo para que não saísse com a Serena. — Hoje vamos “raptar” a nossa irmã e vamos sair os três para celebrar. — Piscou-me o olho e seguiu o seu caminho. Tinha de lhe agradecer mais tarde.

— Oh! Visto que hoje não dá, que tal amanhã? — O seu olhar perdeu o brilho.

— Desculpa Marc, mas amanhã é a vez de aturar os pais. — Declarou o meu pai que já tinha voltado à espreguiçadeira. — Vamos passar o dia fora! — Encolheu os ombros e voltou a abrir o seu jornal.

— Ok. — Marc deixou os ombros descaírem, vencido. — Então, jantaremos na segunda-feira?

Assenti e ele abriu um sorriso.

— Segunda, ao fim do exame, vir-te-ei buscar.

Achei um pouco cedo, visto que o exame será às catorze horas. Mesmo que ele demorasse duas horas a terminar o exame e mais uma hora e meia a chegar aqui, ainda assim, era muito cedo para jantar. Mas concordei.

— Tenho de ir andando, amor. — Sussurrou-me. — Tenho de estudar para ver se passo na porcaria da cadeira.

Assenti e beijei-o para me despedir.

— Vou andando. — Afirmou para a minha família. — Tenho de ir estudar. Vim cá para dar os parabéns à Alexandra. — Sorriu-me.

— Obrigada pela visita. — Agradeceu o nosso pai. — Acompanho-te à porta. — Pousou o seu jornal e levantou-se.

— Deixe estar, eu sei o caminho. — Respondeu Marc, virou costas e desapareceu da nossa vista.

Ingressei na Universidade a cem quilómetros de casa e não conhecia ninguém. Apesar de estar na mesma cidade que a minha melhor amiga e morarmos no mesmo apartamento, ambas estávamos em cursos diferentes, conseqüentemente, tínhamos horários diferentes.

Conheci Marc no meu primeiro ano na universidade, éramos do mesmo ano e frequentávamos o mesmo curso. Ele era da região e mostrou-me o melhor que a cidade tinha para oferecer. A cidade que me viria acolher naqueles três anos.

Quando se declarou, dei-lhe uma oportunidade. Não sentia nada por ele, mas tinha esperança de esquecer Bernardo. Foi o primeiro rapaz com quem tentei ter uma relação depois dele. Eu fiquei muito marcada com a minha antiga relação, mas tinha de seguir em frente.

Começámos a namorar, há cerca de meio ano, tudo parecia perfeito. Mas Marc revelou-se ciumento! Até da minha melhor amiga tinha ciúmes.



Não gostava que eu saísse com ela. Tentávamos marcar encontros aos fins de semana, quando vínhamos a casa, para podermos estar juntas e conversarmos à vontade. Chegou ao ponto de conseguir os números dos meus irmãos para tentar controlar-me ao máximo, durante o tempo que estava em casa dos meus pais. A minha família sabia e não escondiam o seu desagrado, contudo não queriam interferir. Sabiam que eu resolveria esta situação.

Não podia arrastar muito mais. Estava prestes a entrar no mercado de trabalho e não me podia dar ao luxo de ter um namorado ciumento, a tentar destruir a minha carreira, por ter ciúmes dos meus colegas de trabalho. Sentei-me na espreguiçadeira, ao lado do meu pai, após Marc sair de casa.

— Obrigada, pai! — Sorri-lhe.

— Não tens de quê, filha. — Afirmou, sorrindo. — Estamos aqui para tudo.

Dei-lhe um beijo na face.

O telemóvel da minha mãe começou a tocar. Ela afastou-se para atender, era provável que fosse trabalho. A minha mãe gere a empresa de família que herdou dos seus pais, após se reformarem. O meu pai é o seu braço direito, mas muitas questões passam por ela.

— Importas-te que eu vá a um sítio agora?

Ele percebeu e encorajou-me. Precisava de ir àquele local. Precisava de fechar aquele ciclo.

— Leva o Rex contigo! — Brincou, mas sabia que falava a sério.

Assenti.

— RODRIGO! — Chamei e rapidamente chegou ao meu lado, com a sua sidra na mão. — Queria-te agradecer pelo que fizeste...

— Mana, eu fiz isto porque não gosto daquele palhaço! — Interrompeu-me. — Desculpa! Sei que não gostas que nos metamos na tua vida. Mas diz-me, não bastava ligar? — Encolhi os ombros e concordei. — Ele fez cem quilómetros para te dar os parabéns! Mana, eu adoro-te. E, por isso, faço tudo para te ver feliz, incluindo arranjar-te planos o verão inteiro para te livrares dele.

Sorri-lhe e envolvi-o nos meus braços.

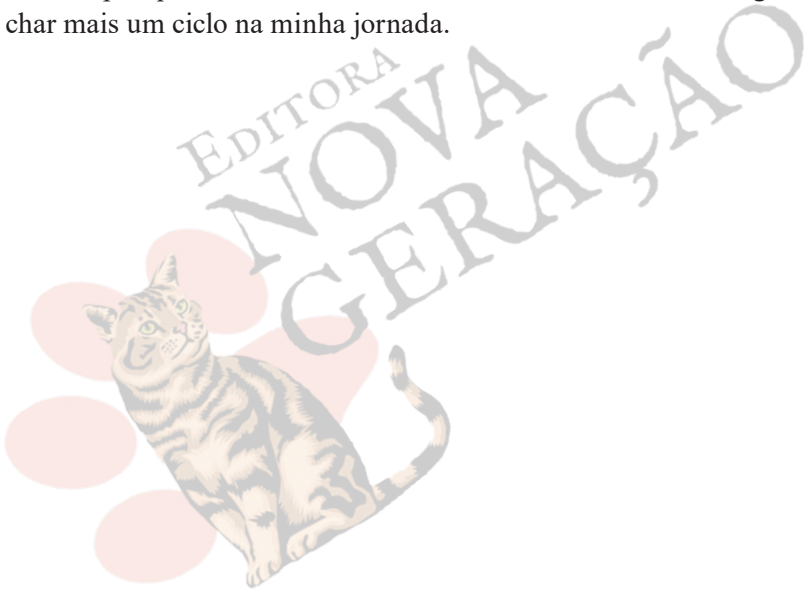
— Obrigada, a sério. — Agradei-lhe novamente. — Vou pôr um ponto final nesta situação, o mais rápido possível. Mas agora tenho de me despachar. — Pisquei-lhe o olho.

— Aonde vais? — Questionou-me confuso. — Mas não ficaste de levar a Minorca ao Centro Comercial?

— Sim, mas...

— Já percebi, vai lá ao teu sítio. — Gozou. — Mas não te atrases, senão tenho de ser eu a levá-la.

Pisquei-lhe o olho e corri para dentro de casa, para trocar de roupa e arranjar-me para o jantar com a Serena. Quando cheguei à garagem, assobiei para chamar o Rex. Ele apareceu ao meu lado, abanando a cauda e a boca a formar um leve sorriso. Abri o porta-malas e entrou no *Jeep*. Os bancos traseiros tinham imensas migalhas e os tapetes albergavam poeira e cabelos. A camada de pó sobre o tabliê era assustadora. Teria de o limpar quando voltasse. Mas antes tinha de ir ao meu refúgio, fechar mais um ciclo na minha jornada.





## Capítulo 2

*Bernardo*

Estava sentado na sala de estar de casa dos meus pais, a olhar para o Lourenço enquanto brincava. Penso no que aconteceu há cinco anos, em tudo o que fiz e no que deveria ter feito. Ela não merecia o que lhe fiz, mas não tinha opção. Fui-me embora naquele dia e arrependo-me, tanto, da minha atitude. Se fosse hoje, teria tido coragem e fugiria com ela. A Alexandra não merecia todo o inferno que a fiz passar! Estou com ela poucas vezes, tudo para tratar de questões relacionadas ao nosso filho. Sei que ela ainda está a sofrer.

Após aquele dia, o meu padrinho requisitou transferência de escola, alteração de número de telemóvel e fez-me fugir de tudo. Foram meses dolorosos e angustiantes. Chateei-me com o Duarte e não perdoei Artur. Tentava saber notícias de Alexandra, mas a não ser o pouco que a minha irmã me contava, não sabia de mais nada. Até Serena saiu prejudicada desta situação! A sua melhor amiga afastou-se dela.

A primeira vez que Duarte me veio visitar, passavam dois meses, e trazia-me uma ótima notícia, que viria a tornar-se no nosso inferno. A Alexandra estava grávida!

Prestes a completar dezoito anos, tomou a decisão de ir em frente com a gestação, mesmo contra a vontade dos pais. Ele e a Serena ajudaram-me a comunicar com a Alex, apoiando-me em tudo. Fiz o que estava ao meu alcance, para ela perceber que não estava sozinha. A mãe dela, Maria Ana, esteve sempre presente e nunca se opôs à minha presença nem ao meu envolvimento. Ela só queria que a filha fosse feliz. Foi o que Maria Ana me disse, numa das inúmeras conversas que tivemos.

No dia do parto, Duarte avisou-me de tudo o que estava a acontecer — Artur e D. Maria Antónia, avó de Duarte, encontravam-se à entrada do hospital. Tentámos passar despercebidos quando saíamos. Todavia fomos apanhados! Artur ameaçou-me se, alguma vez, voltasse a chegar perto de Alexandra, quem sofreria as consequências, seria o bebé.

Não podia deixar que nada lhes acontecesse, por isso afastei-me. Pedi à minha irmã que lhe entregasse uma carta, acredito que Alexandra ficou a odiar-me ainda mais. Carta que tive de escrever, mas que não senti uma palavra que depositei naquele pedaço de papel. Chorei ao escrever todas aquelas mentiras, para proteger o nosso bem mais precioso. Sei que deveria ter fugido com ela, mas faltou-me a coragem. Eu amava-a e tive medo de que algo acontecesse, à Alexandra ou ao meu filho que acabara de nascer.

Estava distraído nos meus pensamentos, que nem dei conta que Serena e Duarte entraram na sala. Tomariam conta de Lourenço, enquanto me ausentava para ir a uma reunião com Artur. Era o que menos me apetecia fazer. Se o Sr. Artur chamava, todos obedeciam. Serena foi brincar com o miúdo, assim que chegou. Aproveitei para sair e Duarte acompanhou-me até à entrada.

— Bernardo, como estás?

Duarte mostrava-se preocupado, batendo-me no ombro.

— Na mesma, sempre a pensar na merda que me obrigaram a fazer.  
— Sussurrei-lhe para que o menino não ouvisse.

Houve uma pressão enorme aos meus pais, por parte de Artur, para que pedisse a custódia de Lourenço. Tentei dissuadi-los para uma custódia compartilhada, pois não queria tirar o menino à Alexandra. Contudo, sem sucesso, o juiz decidiu que eu ficaria com a custódia. Naquele momento, vi o ódio estampado na sua cara.

— Boa sorte! — Incentivou-me Duarte, que fez com que me distraísse dos meus pensamentos.

— Obrigado! Toma conta do teu sobrinho. Vejam lá o que fazem, não quero ter a minha mãe à perna para arrumar a sala.

Vivia com os meus pais, com Lourenço e com Serena naquela casa. O meu irmão mais velho, Vicente, tinha-se casado dois anos antes. Os meus pais reformaram o seu quarto e fizeram um cantinho para o Lourenço.

Sei que tenho de procurar um espaço para mim e para o meu filho, mas acomodei-me a ter ajuda deles. Eles adoram ter o neto por perto. Dirigi-me à garagem, para buscar o Alfa Romeo *Giulia Quadrifoglio*, o carro que usava regularmente. Segui em direção à residência de Artur.

Toquei à campainha e foi Lídia que me abriu a porta. Lídia é esposa de Artur, minha madrinha e madrasta de Duarte.

— Olá, madrinha! — Cumprimentei-a e verifiquei o relógio. — O padrinho marcou uma reunião para agora. Ele está?

Lídia revirou os olhos, demonstrando o seu desagrado.

— Está enfiado no escritório. — Respondeu aborrecida. — Vai lá.

Segui a sua ordem e fui até à porta do escritório. Bati e ouvi-o responder:

— Estás atrasado!

Abri a porta e entrei. Só não esperava encontrar a Maria Antónia ali.

— Boa tarde! — Cumprimentei-os, tentando disfarçar o meu espanto.

— Estás atrasado dois minutos! Quando marco às 15h30m, não é às 15h32m. — Respondeu a matriarca da família aborrecida, sentada na cadeira de escritório em pele branca e almofada.

— Peço desculpa. — Baixei o olhar.

— Sabes porque te chamei aqui? — Inquiriu-me, pegando na sua chávena de chá-verde com limão e incitou-me a sentar na cadeira à sua frente.

— Não, D. Maria Antónia.

— Então vou-te explicar. — Afirmou e dispensou Artur. — Está na altura de saberes mais alguns factos sobre o passado da tua amada Alexandra. — Declarou com uma voz de desprezo, olhando para a porta de madeira clara que acabara de se fechar.

Engoli a seco. A única coisa que sabia foi o que me disseram há cinco anos. O que é que ela tinha para me dizer?

— Como sabes, o idiota do meu filho apaixonou-se pela Maria Ana, que tentaram levar-me ao meu limite. E, as suas consequências...

Olhou para mim como se tivesse a intimidar-me. Percebi a indireta e incitei-a que continuasse sem lhe mostrar medo.

— Mas o que tu não sabes é que os pais de Maria Ana são inimigos da minha família há cinquenta anos. Os teus avós, o traidor do meu falecido marido e eu tínhamos uma sociedade. Estávamos a considerar expandir o negócio. Havia uma empresa que queria investir na nossa região e contactou-nos. — Suspirou, lembrando o passado. — A empresa era dos avós da Maria Ana. Tudo não passava de um esquema por parte da Maria Beatriz para tentar-me roubar o marido, que em tempos havia sido seu prometido. Ela queria vingar-se do que aconteceu e usou a companhia dos seus pais para chegar até nós. — Prosseguiu,

encolhendo os ombros. — Fizeram com que quase fôssemos à falência. Tentaram comprar-nos a firma por uma bagatela, mas não nos deixámos levar. Sabes que é a empresa que tu e o meu neto cuidam? — Questionou-me retoricamente.

Assenti e continuou.

— O objetivo da Maria Beatriz era levar-nos à banca rota e reconquistar o traidor do José, levando-o a deixar-me com um filho pequeno. Percebi a tempo o que ela estava a fazer e fui confrontá-la. Foi quando apanhei o meu marido com as calças na mão. Ele estava-me a trair com a mãe da Maria Ana... — Suspirou. — Mas não podia deixar que ela ganhasse. Fiz de tudo para manter o meu casamento, apesar da traição. Ela queria fazer-me pagar na mesma moeda. Não se importando com os inocentes que foram arrastados para o meio desta história, como os teus avós. — Levantou-se da cadeira e dirigiu-se à janela. — Mas vamos mudar de assunto, que não me apetece reviver coisas tristes.

Fiquei confuso e tentei assimilar esta nova informação.

— Mas não foi para te contar isto que te chamei. Sei o que andas a fazer! — Afirmou seriamente, ainda a olhar para o exterior. — Deixas que a Alexandra visite o Lourenço quando lhe apetece. Não achas que lhe chega o tempo que ela tem?

— Não! — Retorqui, mesmo sabendo que não deveria. — Ela tem pleno direito de o fazer. Já lhe foi tirado o filho e não quero ser a pessoa que...

— Ingénuo! — Interrompeu-me. — Ela vai querer recorrer da decisão do tribunal, agora que terminou o curso. Acreditas que o meu filho quer oferecer-lhe uma vaga na vossa empresa? — Deu uma gargalhada malvada. Fiquei feliz pela Alexandra. — Como se fosse ele que mandasse! — Virou-se para mim e prosseguiu. — Bernardo vou-te contar um segredo. Há cinco anos, quando foste obrigado a cortar relações com a Alexandra, não foi o teu padrinho que deu a ordem, fui eu. Fui eu que o mandei fazer isso! — Gracejou. — Fui eu que obriguei o meu filho a separar-vos.

— O quê? — Explodi. — Como foi capaz? Fiquei, este tempo todo, a pensar que tinha sido ele! Sabe que esta sua atitude abalou muitas pessoas à sua volta? Não fui apenas eu e a sua neta que saímos prejudicados desta situação. Zanguei-me com o seu neto Duarte, o seu bisneto cresceu com os pais separados e nunca perdoei o seu filho Artur.

— Já chega da tua insubordinação! — Respondeu-me com um tom de voz ríspido. — Tive as minhas razões. Mas chamei-te aqui para te dizer que não é o teu padrinho quem manda. Quem resolve as questões sou eu! Não quero a família da Maria Ana na minha casa.

Ri-me.

— Desculpe, D. Maria Antónia. Penso que o seu neto Duarte, também, é filho dela. E, não o trata assim. Eles têm os mesmos direitos.

— Bernardo, eu é que sei! — Respondeu-me, cruzando os braços da mesma maneira que a Alexandra fazia.

— Espero que não leve a mal o que lhe vou dizer, a Alexandra merece a verdade. — Acautelei-me.

— Vou avaliar a situação. Agora vá, chama o meu filho. — Afirmou Maria Antónia, dando como terminada a conversa. Sabia que a resposta dela era não.

Levantei-me e dirigi-me à porta. Assim que pousei a mão na maçaneta da porta, ganhei coragem e encarei-a novamente.

— Eu amo-a. Ela merece saber toda a verdade...

Ficou surpreendida com a minha ousadia, contudo teve resposta.

— Amar não é ficarmos com a pessoa sempre. Às vezes, temos de a deixar ir, pois o destino irá encarregar-se de a trazer de volta, se assim tiver de ser.

A famosa frase que ouvi o meu padrinho dizer, várias vezes.

— Estou farto que me digam o que fazer! Já merecemos ser felizes. Vou lutar por ela. E, ninguém me impedirá.

A reação dela foi o incentivo que eu precisava. Abri a porta e fui embora.

EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO







## Capítulo 3

*Alexandra*

Terminei mais um ciclo na minha vida. Tinha de voltar ao local onde fui muito feliz e infeliz — o rio. Aquele canto específico ao lado do moinho em ruínas. Aquele local era o meu refúgio, desde que me lembro. Quando estou triste, quando preciso de pensar, quando preciso de paz ou até quando termino um ciclo na minha vida. Aquele lugar é de difícil acesso. Além de ser pouco conhecido, o carro teria de ser deixado na estrada principal. O caminho era de terra batida e estava bastante degradado. Chegar lá de outro modo é quase impossível, a não ser que se tenha um Todo-o-Terreno ou uma mota.

Quando tirei a carta, os meus pais queriam-me oferecer um carro cidadão. Para ter mais liberdade e não depender deles, mas preferi um Todo-o-Terreno. Como me conhecem, concordaram comigo. Durante este tempo, o *Jeep Wrangler* fora um dos meus melhores amigos! Apesar da sua idade e da sua quilometragem, nunca me deixou ficar mal. Cheguei ao local, peguei numa manta e abri o porta-malas para soltar o Rex. Caminhei até chegar perto do moinho em ruínas, que tem vindo a deteriorar-se ao longo dos últimos anos. Estendi a manta para me sentar e perder-me nos meus pensamentos. O Rex corria livremente pelo local, explorando-o e cheirando tudo, como fazia sempre que vínhamos até aqui.

Tinha intenções de vir cá hoje, não só por ter terminado a minha licenciatura. Fazia cinco anos, que a minha vida deu uma volta de cento e oitenta graus. Descobri que estava grávida do meu filho! Foi o momento mais feliz nesse último mês, mas tinha consciência que travaria várias batalhas, daí para a frente. E, a primeira era contar aos meus pais. Terminara o secundário quando descobri a gravidez, um mês após Bernardo sumir. Os meus pais tentaram demover-me da ideia de o ter, mas como sou teimosa, levei a minha avante. Após conferenciarmos imenso, acordámos que deveria esperar um ano antes de ingressar na Universidade, dando total atenção ao bebé.

Concordei, ainda, em ficar na minha cidade, para continuar a ter tempo para o meu filho. Um mês depois, Bernardo voltou a entrar na minha vida, preocupando-se comigo e com o bebé. Deveria saber que trazia água no bico. Após o parto, recebi uma carta dele, pedindo-me que o compreendesse. Ele não conseguia tomar conta do filho, separado de mim. Logo quando estava pronta para o perdoar, ele sumiu da minha vida novamente.

Passado três meses, recebi uma carta do tribunal. A sua família abriu uma ação, para pedir a custódia do nosso filho. Odiei-o por tudo o que me fez. A Serena visitava-me diversas vezes e trazia-o, para eu estar com o meu bebé. Sabíamos que Bernardo não se opunha. Serena foi uma ótima amiga. Até testemunhou a meu favor em tribunal, mesmo contra a família. Mas não foi o suficiente e o Bernardo ganhou a ação.

Devido a esta batalha judicial, adiei a minha ida para a universidade por mais um ano. Após a derrota, preenchi a minha candidatura de ingresso ao Ensino Superior. Escolhi cursos do meu interesse, na mesma cidade onde a Serena estava. Tentaria recuperar a nossa amizade, apesar de o idiota do seu irmão ser o pai do meu filho.

O Bernardo fez-me a vida no inferno e não o perdoar por isso. Perdi a pessoa que amava e ainda não entendo o que lhe fiz de mal. Que saudades tenho do meu menino.

Estive ainda ontem com o meu filho, mas precisava de estar com ele. Respirei fundo, para ganhar coragem, e mandei mensagem ao Bernardo:

*Olá, Bernardo,  
Sei que pode ser muito em cima da hora.  
Os meus pais querem passar o dia em família amanhã.  
Queria fazer-lhes uma surpresa. Posso levar o Lourenço connosco?  
Beijo Alex*

Arrumei o telemóvel no bolso por saber que demoraria a responder, já era habitual. Atentei ao que me rodeava e respirei fundo. Estava pronta para voltar à realidade. Assobiei para o meu cão regressar para junto de mim.

— Vamos para casa?

Abanou a cauda e ladrou uma vez. O meu companheiro de aventuras era muito inteligente e eu adorava-o.

No regresso, tive a sensação que o carro que seguia atrás era familiar. Tentei ignorar porque existem muitos carros iguais, mas havia algo que me dizia ser ele. *Não podia ser o meu namorado! Ele devia estar a caminho de casa, a cem quilómetros dali*, tentei mentalizar-me. Estava com a minha mania da perseguição, de novo. Por descargo de consciência, virei na rua que me apareceu para verificar. Felizmente o carro continuou em frente. Exalei todo o ar que estive a reter, desde que mudei a minha rota. Fiz inversão de marcha e rumei ao destino.

Ao chegar, abri o portão de entrada e encaminhei-me até às garagens, nas traseiras da habitação. A minha vaga de estacionamento estava ocupada por um veículo desconhecido. Como sairia em breve, não me importei. Dirigi-me ao porta-malas para deixar sair o Rex. Fui buscar as ferramentas para limpar o carro, quando fui surpreendida pela minha família em redor daquele automóvel.

— Já voltaste? — Questionou a minha mãe boquiaberta. — Pensei que demoravas mais tempo! Quando o teu pai me disse que tinhas ido ao rio, pensei que ficavas lá o resto da tarde.

— Não! Tinha de vir limpar o Jeep que está imundo. A Minorca não gosta de andar comigo com o carro assim. — Gozei e rimo-nos, à exceção de Carolina.

— É que... — Começou o meu pai.

— Compramos-te um presente. — Interrompeu-o a minha mãe. — Tu chegaste mais cedo e estragaste a surpresa.

Os nossos pais colocaram as mãos nos meus ombros e encaminharam-me para a frente daquele automóvel. Em cima do capô tinha um grande laço vermelho.

— Parabéns, minha filha, por mais uma conquista! — Congratulou-me a minha mãe.

Virei-me e olhei incrédula para eles.

— O que é isto? — A voz falhou-me ao pronunciar as palavras.

— É um presente. Tens sido uma filha excepcional, por isso decidimos comprar-te um mimo. — Declarou a minha mãe, com as lágrimas a quererem fugir. Durante este tempo foi a primeira vez que a vi com lágrimas no canto do olho. — Sei que gostas de aventura e de descobrires a natureza. Ambas sabemos que o teu carro não é adequado para quando começares a trabalhar. Como tem apenas três portas, é difícil quando vais buscar o Lourenço. — Apertou a mão do meu pai e eu

sabia que ela sofria por o neto estar longe. — Além de consumir imenso, dá-te um ar de desleixada. Por isso, eu e o teu pai refletimos muito antes de te comprar este carro.

— Obrigada! — Agradei-lhes com as lágrimas a quererem fugir, não esperava. — Mas não era necessário gastarem tanto dinheiro. — Abracei-os e os meus irmãos vieram-se juntar.

— Agora vais ter de servir de táxi para mim, também. — Troçou-me Rodrigo. — Por mais que ame o meu *Volkswagen Scirocco*, o teu é mais estiloso. Tens de emprestar-me.

— Obrigada, mas não te estiques! — Juntei-me à brincadeira e dei-lhe um calduço. — Posso-te dar boleia, de vez em quando. Mas tu conduzi-lo? Nem pensar! Já não te lembras o que fizeste ao meu carro, quando tiraste a carta? Estragaste a caixa de velocidades. E quem teve de pagar? Fui eu! Portanto, neste não tocas.

— A tua irmã manda. — Zombou o meu pai e rimo-nos.

Ao olhar para eles, lembrei-me de uma questão muito importante.

— Pai, o que vai acontecer ao *Jeep*? — Perguntei-lhe com medo de saber a resposta.

Os meus pais entreolharam-se e encolheram os ombros.

— Tu é que sabes. O carro é teu! — Desvalorizou a questão. — Sempre foste responsável e nunca nos deste chatices nem grandes despesas com ele. — Revirando os olhos, mostrando o desagrado em relação ao Rodrigo estar constantemente a pedir ajuda para a manutenção da viatura. — Se quiseres ficar com ele, estás à vontade. Se quiseres vender...

— Quero ficar com ele. — Interrompi-o. — Por muito que este carro seja tentador, não o posso colocar nos caminhos de terra. Tenho medo de o estragar.

— A decisão é tua. — Disse, por fim, a minha mãe. — E as condições mantêm-se: manutenção e combustível são por tua conta, mas deixámos-te um mimo. — Deu-me a chave para mão. — Atestamos-te o depósito e as despesas anuais estão pagas. Qualquer problema fala comigo, que eu trato de tudo. — Piscou-me o olho e entregou-me um envelope. — Este é para atestares, de novo.

Obviamente que a minha mãe tratava de tudo. Agradei e destranquei o carro novo. Abri a porta do condutor e espreitei o interior, fiquei maravilhada. O carro em questão era um Range Rover Evoque de cor

branca com o tejadilho preto. Os espelhos eram em fibra de carbono e vidros escurecidos. Os seus bancos eram em couro preto, com teto panorâmico, volante em pele, iluminação no habitáculo e uma proteção na bagageira para o Rex andar comigo. Resumindo, o carro era a minha cara e os meus pais acertaram em cheio.

— Onde o posso colocar? — Questionei-os apontando para o meu antigo veículo.

O pai indicou-me a garagem ao lado que era usada como arrumos.

— Arrumámos aquela garagem e colocámos automatismo no portão. Será, a partir de hoje, a tua garagem. — Abriu o portão e entregou-me dois comandos. — O botão do lado esquerdo abre o portão da entrada, o da direita a tua garagem e o do meio abre a nossa. — Frisou.

A nossa casa tinha três garagens. A principal dava acesso à habitação e era utilizada pelos nossos pais, abrigando até três automóveis. As outras estavam de frente para a principal e albergavam apenas dois. Só uma garagem era utilizada e eu dividi-a com Rodrigo, até agora. Rodrigo sorriu e percebi o motivo. Ele podia estacionar no meio da garagem e não me ouviria a reclamar por não ter espaço para estacionar.

Entrei no Todo-o-Terreno para o estacionar na minha nova garagem.

— Vamos? — Bufou Carolina, quando saí do *Jeep*. — Demoras muito? O pessoal já começou a chegar.

Recebi, então, a mensagem que tanto estava à espera:

*Olá, Alex,*

*Por mim está tudo ok 😊 A que horas é que queres que ele esteja pronto? Vens buscá-lo ou preferes que o leve?  
Beijo B.*

Saí do Jeep e encaminhei-me para o novo carro. Notei que Rodrigo também entrava para o dele. Carolina não tardou a meter-se dentro do meu automóvel. Abri o vidro para, mais uma vez, agradecer aos meus pais e contar-lhes a novidade. Rodrigo abriu, também, o do carro dele.

— Eu sei que vocês disseram que amanhã seria o dia em família, mas será que se importam que leve uma pessoa? — A minha mãe fez uma cara de desprezo, demonstrando o seu descontentamento, mas continuei. — Pedi ao Bernardo se poderia levar o Lourenço e ele concordou. — Sorriram e aprovaram, vê-los assim fez-me bem. — A que horas querem sair?

— Estávamos a pensar sair às oito horas, se não for muito cedo. — Respondeu a minha mãe sorrindo.

— Já lhe mando mensagem a confirmar.

— Vai uma corrida até ao centro comercial, maninha? — Desafiou-me Rodrigo.

— Nem pensem! — Ordenou a minha mãe horrorizada. — Nada de corridas, meninos. Não quero multas a chegar cá a casa.

O nosso pai passou o braço por cima do ombro da nossa mãe.

— Estava a brincar. — Afirmou Rodrigo. — Ela não tem hipótese comigo. — Riu-se e deu marcha atrás para tirar o carro da garagem.

— Juízo! Portem-se bem. — Gritou o meu pai. Aproximou-se da minha janela. — Tem cuidado, qualquer problema, liga-nos. — Suavizou o olhar.

Esta conversa era recorrente desde que comecei a namorar com o Marc. Sempre me deram a oportunidade de desabafar e sempre me apoiaram. A minha família era o meu pilar.

Saí da garagem e dirigi-me ao portão de entrada, que já estava aberto. Antes de entrar na estrada, verifiquei se havia algum carro a circular, para lhe ceder a passagem e entrar em segurança na via pública. Deparei-me com o carro vermelho que tão bem conhecia, assim como o seu ocupante.

Entrei rapidamente na via, para me dirigir para o Centro Comercial e o carro seguiu-me. Consegui vê-lo através do meu retrovisor. Se acelerava, ele fazia o mesmo. A distância entre os dois carros era curta. Tentei despistá-lo, mas sem sucesso, ele seguia-me desenfreadamente. Comecei a acelerar mais, mesmo acima do limite de velocidade.

A meio do caminho, pedi à Carolina para ligar a Serena, para ela se encontrar comigo no estacionamento do Centro Comercial. Carol nem se apercebe de quão ridículo era o meu pedido.

Aproximava-se uma rotunda, com imenso movimento. Teria ali a oportunidade para o conseguir despistar. Aguardei pela minha vez para entrar. Tinha de entrar no momento certo, para que só eu conseguisse passar. Vi uma pequena oportunidade, não hesitei e entrei na rotunda. Ouvem-se apitos. Olhei pelo retrovisor e vi Marc a entrar. O outro carro teve de travar para que não lhe batesse. Acelerei para sair e ganhar algum espaço de manobra. Desviei para uma zona habitacional, sabendo que tinha semáforos com regulador de velocidade.

A minha ideia era acioná-los, mas ter tempo de passar, encurralando-o. Teria de acioná-lo e acelerar. Assim o fiz, o semáforo mudou para laranja e eu acelerei o mais que pude. Passei na mudança de laranja para vermelho, conseguindo que ele ficasse preso no semáforo! Como todo o cuidado é pouco, acelerei ainda mais para aumentar a distância. O importante era despistá-lo! Depois justificaria aos meus pais, caso apanhasse alguma multa.

Deixei a Minorca à entrada e penso que não se apercebeu de nada, já que estava entretida a falar com os amigos no *chat*. Enquanto ela saía do carro, verifiquei o telemóvel e tinha sete chamadas não atendidas da Serena. Esqueci-me de conectar o telemóvel ao carro e aproveitei para o fazer rápido. Observei ao meu redor, para ver se o consegui despistar. Entrei, de novo, na faixa de rodagem e encaminhei-me para as traseiras do edifício, onde ficava a entrada do estacionamento.

Passei pela cancela da entrada e vi um Honda *Civic Type R*, com os faróis ligados, estacionado num lugar ao lado da entrada. Era idêntico ao do Bernardo! Mas porque estava eu a pensar nele? Tinha de me focar no que estava a acontecer.

Recebo uma nova ligação da Serena, que atendo.



EDITORA  
NOVA  
GERAÇÃO







## Capítulo 4

*Bernardo*

**A**pós a conversa com Maria Antónia regresssei a casa. Como é que ela se atreve a brincar com os meus sentimentos e com os da Alexandra? Tenho de fazer tudo ao meu alcance para reconquistá-la. Não posso ficar mais tempo longe dela, por causa de algo que nada tem a ver com a nossa relação.

Abro a porta de casa e o Lourenço corre na minha direção. Ao avistar aquele ser, afastei todos os meus pensamentos.

Abri os braços e deixei ele colocar as suas pequenas mãos em volta do meu pescoço, abracei-o, peguei nele ao colo e comecei a dar-lhe beijos na bochecha.

— Papá, para! — Pediu-me aquele pequeno ser, mas continuei. — Para papá! Já sou grande...

Ri-me enquanto o colocava no chão. Ele correu para junto dos tios e eu segui-o.

— Bem, como o papá já chegou, a Tia Sê vai-se arranjar para ir jantar fora. — Afirmou a minha irmã.

— Vais sair hoje? Com quem? — Interrogou Duarte de sobrelha erguida.

— Sim, vou sair com a Alex...

— Eu também vou! — Interrompeu-a Lourenço. — Quero a mamã. Serena olhou para mim e pediu-me perdão.

Fazia tudo ao meu alcance para que ele não percebesse, mas o Lourenço já fez quatro anos e entendia a realidade. É um menino muito inteligente. Peguei nele e sentei-o no meu colo.

— E se eu te disser que o papá falou com a mamã. Amanhã vais passear com ela.

— A sério? — Questionou-me Duarte cético.

Os meus olhos semicerraram-se e os lábios formaram uma linha reta, transmitindo a fúria que senti ao ver o meu futuro cunhado duvidar. Serena aproveitou para se ir arranjar.

— Sim! — Dirigi o olhar para o meu filho. — A mamã combinou comigo há pouco. Tu queres ir?

— Sim! — Gritou e abriu um grande sorriso. A sua felicidade era o mais importante. — E papá... Tu também vais?

As palavras ficaram-me trancadas na garganta, não queria desiludir o meu filho. Sabia que a Alexandra não iria permitir. Além de que não me sentiria confortável com a família dela.

— Vou falar com a mamã.

Ele abriu um enorme sorriso e saiu apressadamente do meu colo para continuar a brincar. Segundos depois a minha mãe entrou na sala de estar.

— Olá, Duarte! — Cumprimentou-o. — Onde está a minha filha?

— Olá, Cristina! — Respondeu Duarte. — Está a arranjar-se. Vai sair com a Alexandra.

— Fazem bem. — Afirmou a minha mãe, encolhendo os ombros. — Já que ela não janta, porque vocês não vão sair os dois? Há tanto tempo que não o fazem! — Dirigi-me para mim. — Aproveita que tomo conta do meu neto. — Fez-me uma carícia na face.

Encolhi os ombros e encarei Duarte, para perceber se alinharia sair com o seu velho amigo. Ambos concordámos. Com tudo o que se passou, a nossa amizade não voltou a ser o que era. Ainda existiam barreiras tenebrosas que não conseguíamos ultrapassar. A minha mãe pegou no Lourenço para dar-lhe banho. Dou um beijo rápido na testa do meu filho, antes de sair. Serena regressou à sala com os seus olhos cor de mel muito abertos e com os seus lábios muito fechados. As suas mãos estavam irrequietas, o que indicava que estava preocupada. Eu e Duarte entreolhámo-nos e percebemos que algo se passava.

— Desembucha, Serena. — Ordenei calmamente.

— Estava para descer e recebi uma chamada da Alex, mas quem falou foi a Carol.

— E daí? Ela devia estar a conduzir. — Desvalorizou Duarte enquanto abraçava a minha irmã. Já passaram três anos desde que assumiram o namoro. Custou-me habituar à ideia de serem um casal.

— Não foi isso que achei estranho, mas o facto de ela me pedir para a encontrar no estacionamento subterrâneo do Centro Comercial. — Defendeu Serena. — Se conhecem a Alexandra, sabem que ela odeia estacionar naquele parque. Ela...

— Prefere andar um quilómetro, se for preciso, do que ir para lá. — Completei o raciocínio da minha irmã. A Alexandra detestava parques de estacionamento subterrâneos, em especial aquele. — Algo não está correto.

— E o que queres fazer? — Dispara Duarte. — Queres-te armar em cavaleiro andante, para salvar a tua amada?

— Não! — Retorqui. — Só quero verificar se está tudo bem. Levaremos dois carros e se tudo estiver bem, nós seguimos à nossa vida. Pode ser?

Duarte suspirou e percebi que venci esta pequena batalha.

— Amor, liga-lhe. — Pedeu Duarte a Serena.

Serena tentou ligar, mas a chamada acaba por cair no *voice-mail*. Tentou, de novo, e aconteceu o mesmo. Duarte andava de um lado para o outro da sala, colocando a mão sobre o queixo enquanto aguardava alguma resposta por parte da Alex.

— Vamos ver se está tudo bem. — Afirmou Duarte. Não me iria dar razão. — Seguem os dois num carro e vou com outro, tentar encontrá-la no caminho. Bernardo levas o carro. Tenta ser rápido e chegar primeiro que ela.

Assentimos. Duarte pegou no telemóvel para ligar ao pai, para o informar. Enquanto nos encaminhamos para as viaturas, toquei-lhe no braço.

— Tem cuidado.

— Tu também. — Deu-me uma palmada na nuca e afastou-se para entrar no carro.

Entrei no Honda *Civic Type R*, por estar mais próximo e ser mais veloz. Conduzi o mais rápido que me era possível, no entanto, parece que demorei uma eternidade para chegar lá.

Morávamos relativamente perto do Centro Comercial e sabia que demoraria, no máximo, dez minutos. Acelerei e tentei encurtar a distância, sabendo que a Alex demoraria mais do dobro. No entanto, não sabia há quanto tempo ela havia ligado nem onde estava quando fez a chamada. Isso deixava-me preocupado. A Serena continuava a tentar-lhe ligar, mas sem sucesso.

Cheguei ao estacionamento no tempo recorde de sete minutos, estacionei no primeiro lugar que vi. Coloquei o carro em ponto morto e limpei as mãos molhadas, devido aos nervos.

Pensei no que lhe teria acontecido e questionei-me onde ela estaria. Nesse momento, aproximou-se um carro desconhecido da cancela e abriu. Serena estava, de novo, a tentar ligar-lhe. Desta vez, ela atendeu. Inalei uma enorme quantidade de ar quando conseguimos falar com ela. Não reparei que retinha o ar, até perceber que ela estava bem. Exalei todo o ar, libertando alguma das minhas preocupações com a mãe do meu filho.

